



Mídias, tecnologias e alunos/as com deficiência: (im) possibilidades de mudanças nos referenciais identitários

Regiane Cristina Tonatto

(UNIOESTE/UNILA)

Denise Rosana da Sila Moraes

(UNIOESTE)

Resumo

Na contemporaneidade novas formas de comunicação moldam a vida e ao mesmo tempo, são moldadas por ela, e com isso apresentam novos desafios. Uma das formas de antever as dificuldades que a universidade pode encontrar para assegurar a inclusão do aluno com deficiência no Ensino Superior no que se refere aos recursos midiáticos e tecnologias é conhecer os futuros ingressantes. Esta investigação apresenta um panorama dos/as alunos/as com deficiência matriculados em escolas de ensino médio de Foz do Iguaçu, cidade que compõe a região de tríplice fronteira entre o Brasil-Paraguai-Argentina, na busca de conhecer o cotidiano desses sujeitos e discutir o acesso as mídias e as tecnologias e a influência destas na promoção de mudanças nos referenciais identitários deste grupo. Sob o viés dos Estudos Culturais, esta pesquisa consiste na análise de algumas produções acadêmicas com os temas “mídias”, “educação” e os “Estudos Culturais” e na análise de dados quantitativas e qualitativas obtidos após envio de um questionário digital aos/às diretores/as desta região de fronteira. Se considerar que a construção da identidade para os Estudos Culturais é tanto simbólica quanto social, admitir que as mídias e as tecnologias permeiam as relações sociais em vários âmbitos, pode ser um fator sensibilizador diante das funções que elas podem (im) possibilitar as pessoas com deficiência.

Palavras-chave: inclusão, Estudos Culturais, mídias.

Resumen

En las nuevas formas contemporáneas de la comunicación forma la vida y, al mismo tiempo, se forma por ella, y por lo tanto presente nuevos desafíos. Una manera de anticipar las dificultades que la universidad puede encontrar para garantizar la inclusión de los estudiantes con discapacidad en la educación superior en relación con los recursos y las tecnologías de los medios de comunicación es conocer el futuro estudiante. Esta investigación proporciona una visión general de estudiantes con discapacitados matriculados en escuelas secundarias en Foz do Iguaçu, una ciudad de la región de triple frontera entre Brasil-Paraguay-Argentina, buscando conocer la vida cotidiana de estos temas y discutir medios de acceso y las tecnologías



y su influencia en la promoción de cambios en las referencias de identidad de este grupo. Bajo el sesgo de los estudios culturales, esta investigación es el análisis de algunas producciones académicas con temas como "medios de comunicación", "educación" y "Estudios Culturales" y el análisis de datos cuantitativos y cualitativos obtenidos después de envío de un cuestionario digital los/las directores/as de esta región fronteriza. Si cree que la construcción de la identidad en los estudios culturales es a la vez simbólico y social, admitir que los medios de comunicación y tecnologías impregnan las relaciones sociales en diversos ámbitos, puede ser un factor de sensibilización sobre las funciones que pueden (im) permitan a las personas con discapacidades.

Palavras-clave: inclusión, Estudios Culturales, medios.

Introdução

Diante da incumbência de pensar políticas de inclusão das pessoas com deficiência no ensino superior e do desafio de providenciar recursos e serviços de promoção da acessibilidade educacional, iniciamos uma pesquisa de mestrado interdisciplinar¹, com o apoio do Núcleo de Apoio à Acessibilidade e Inclusão², para investigar toda e qualquer mídia que o/a estudante com deficiência tenha acesso durante seus últimos anos na Educação Básica e a influência destas diferentes mídias nos estudos, no trabalho, na interação com a família e amigos. E principalmente, responder à questão norteadora: o que representa as mídias e as tecnologias, no processo de inclusão/exclusão educacional e na construção dos referenciais identitários, para os/as estudantes com deficiência formandos do Ensino Médio numa cidade de fronteira?

¹ Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu-PR.

² Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.



O presente artigo apresenta um recorte desta pesquisa em desenvolvimento, bem como os seus primeiros resultados. O texto contém uma introdução, os objetivos, a metodologia, o referencial teórico, alguns resultados e conclusões. Sobre a metodologia, explicitamos o delineamento da pesquisa, os instrumentos utilizados e os sujeitos envolvidos. Utilizaremos as noções teóricas e também metodológicas dos Estudos Culturais (EC) e dos autores que discutem a educação especial brasileira e/ou aspectos teóricos e práticos da inclusão da pessoa com deficiência.

1. Enfrentamento do fenômeno da exclusão digital

Em nossa pró-ação em relação aos estudos das mídias, não podemos perder de vista os dois lados da moeda, ou melhor, o binômio inclusão/exclusão. Ao mesmo tempo em que as mídias podem reduzir a pobreza e a desigualdade na dinâmica social, elas podem inversamente aumentar a exclusão daqueles que ficam à margem, sem acesso ao conhecimento. Entretanto, para os autores como Sorj e Guedes (2008), a universalização do acesso às diferentes mídias pode ser percebida como um instrumento de diminuição de danos sociais.

No que tange à educação, os textos e documentos referentes aos planos e metas da educação brasileira reconhecem que a escola deve garantir condições para o desenvolvimento das múltiplas linguagens. Um exemplo é o texto sobre educação pública e democrática do “Programa Mais Educação” (BRASIL, 2011), que objetiva construir uma ação intersetorial entre as políticas sociais e educacionais, simultaneamente, para diminuir a desigualdade educacional ao mesmo tempo valorizando a diversidade cultural dos brasileiros/as. Sinteticamente, trata-se da ampliação da jornada escolar na perspectiva de educação integral. Dentre as oportunidades formativas oferecidas pelo programa estão a cultura digital e a comunicação e uso das mídias.



Entendemos que, estudar a influência das mídias e tecnologias na educação considerando o elemento crucial da exclusão digital, não nos parece uma tarefa fácil, pois a “exclusão digital não se refere a um fenômeno simples, ou seja, aqueles que têm versus aqueles que não têm acesso a computador e internet, incluídos e excluídos, polaridade real, mas que por vezes mascara os múltiplos aspectos da exclusão digital” (SORJ; GUEDES, 2008, p. 8). Afinal, saber o número de acesso à internet, como é o caso de inúmeras pesquisas, é uma informação muitas vezes limitada. Seria importante avaliar a qualidade e disponibilidade destes acessos, indicadores que se relacionam diretamente com a utilização dos meios, e que efetivamente tem relação com a pesquisa qualitativa no campo interdisciplinar e das humanidades.

Além do acesso, é preciso pensar na capacidade de leitura e interpretação da informação. Tudo indica, que “a mente humana tem uma enorme plasticidade, portanto, teria capacidade de se adaptar ao ambiente cognitivo no qual está inserido” (MARTINO, 2015, p. 41). Neste ambiente cognitivo em que circulam as informações, o modo como estas chegam ao usuário influencia no processamento e no sentido dado a elas. Para Michael Heim, educador americano conhecido como “filósofo do ciberespaço”, as relações humanas são transformadas pelas mídias digitais, e até nosso relacionamento com o real passa ser regido por uma lógica diferente (MARTINO, 2015). Dentre as faculdades cognitivas plásticas, flexíveis e adaptáveis do ser humano, seria por influência da linguagem que mudamos nosso comportamento, que podemos ensinar e aprender e também nos relacionarmos com as pessoas, e por consequência, acabamos por transformar a sociedade.

Numa perspectiva mundial, a questão digital foi abordada no Item 20 da Declaração do Milênio, onde a cúpula decidiu por “Velar para que todos possam aproveitar os benefícios das novas tecnologias, em particular das tecnologias da informação e das comunicações (...)” (ONU, 2000, p. 9). As novas mídias e tecnologias estão, cada vez mais, emergindo em papéis mais protagonistas nas relações humanas



de maneira praticamente global, derrubando e criando barreiras. E segundo Castells (2003), a exclusão na rede pode ser uma das piores formas de exclusão.

Aqui podemos realizar um viés com o ensaio **Educação como Prática da Liberdade**, em que Paulo Freire (2006) nos remete a importância de não se acomodar ou apenas se ajustar ao novo, mas através dos tempos e diante do inevitável, superar e lutar pela humanização. Para ele,

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 2006, p. 51).

Embora estas linhas tenham sido escritas pela primeira vez no século passado, podem servir para repensar as relações nos dias atuais. Assim como Freire (2006), acreditamos que a maior tragédia da modernidade é o homem se deixar dominar pela força dos mitos, da publicidade e renunciar, ou seja, não lutar pela sua capacidade de decidir. Colocar-se na posição de objeto e não mais de sujeito.



2. Estudos Culturais, diferença e cultura digital

No campo da educação, os E.C. estão inseridos desde a metade da década de noventa e tem contribuído significativamente em importantes discussões sobre abordagens da diferença e identidade em assuntos pedagógicos, a partir de textos de Stuart Hall, Lawrence Grossberg, Kathrin Woodward, entre outros, que naquele momento começaram a ser estudados (WORTMANN *et.al.*, 2015). Para Moreira (2011, p. 129), “a visão de identidade predominantemente aceita no âmbito dos Estudos Culturais apresenta inestimáveis contribuições para o tratamento das identidades no currículo e na prática pedagógica”.

Os desafios de pesquisa são ainda maiores quando buscamos compreender como os referenciais identitários são construídos num momento em que os sujeitos não possuem identidades fixas, como é o caso dos sujeitos modernos. Conforme a perspectiva dos E.C, as identidades estariam em constante movimento, como defende Hall (2014), elas seriam produzidas pelo estabelecimento das diferenças nos níveis simbólico, social e subjetivo. Portanto, sob esta ótica, para analisar como as identidades são construídas culturalmente, a questão da diferença é fundamental.

Para Silva (2014), questões como diferença e interculturalidade estão presentes nas diversas teorias educacionais, inclusive nas pedagogias oficiais. Embora, tratadas muitas vezes como temas marginais, elas estão sendo, de certa forma, reconhecidas. Porém, estranhamente nestas discussões, não existe uma teoria da identidade e da diferença. A única posição liberal recomendada é respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Antes de tudo, seria mais interessante discutir as teorias sobre a produção da identidade, e as concepções de diferença, diversidade e alteridade. Silva (2014, p. 74) contesta a atual configuração e idealiza:



Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las?

Diante do panorama atual, de falta de respeito e tolerância com as diferenças nas escolas brasileiras, a educação não se pode mais furtar das discussões, mesmo que tente mitigar a complexidade de tais temas, terá inevitavelmente que enfrentar. Dessa forma, os EC, com sua vocação transdisciplinar e multifacetada, podem contribuir metodologicamente e teoricamente nos diversos campos de estudos para transformar a escola em um espaço de trocas de representações e valores, para todos os tipos de subjetivação e identidades.

Por meio das interações comunicativas que os sujeitos se articulam e rearticulam e estas relações permitem que a questão da identidade possa emergir, a partir das práticas discursivas. Porém, as interações são desiguais, e são marcadas por poder, tensões e conflitos. Nos discursos e representações sociais construídas a partir das mídias, temos a oportunidade de identificar as ambiguidades e possibilidades das transformações da sociedade contemporânea, seja na subjetividade e na produção de sentido, ou pela interferência e participação dos sujeitos nos processos de produção coletiva da realidade social.

Vários autores dos E.C consideram “cultura como um espaço de disputas entre discursos e representações sociais”, além disso, para eles a construção das identidades culturais está ligada às “disputas pelo direito de ser quem se é no espaço social”. Sendo que, as culturas migram constantemente por muitos espaços, temos, neste momento, o ciberespaço. Junto a ele, temos a chamada “cibercultura”, que nesta



perspectiva, é “um espaço dinâmico de tensões e conflitos de representação” (MARTINO, 2015). Que para muitos é a cultura da contemporaneidade.

Em um de seus ensaios denominado “Cultura digital e educação: redes já!”, Pretto e Assis (2008) desafiam as políticas públicas brasileiras a implantar telecentros, infocentros, pontos de cultura e programas de introdução de computadores nas escolas. Mas não apenas com acesso à internet, e sim, com qualidade de acesso, que possibilite a conexão dos recursos de multimídias, produção de informação e conhecimento, e desta forma, possibilite dar a condição para que as pessoas transformem a atual ordem social e que possam produzir e ocupar todos os espaços através da rede.

3. Alunos/as com deficiência nos ciberespaços

O impacto das transformações sobre as identidades pode ser compreendido através da relação espaço-tempo, que provoca uma ideia de que o mundo é menor e as distâncias mais curtas (HALL, 2014). Nestes tempos e espaços que vivemos, todos são impulsionados a atravessar fronteiras, e diante delas, podemos sentir medo e insegurança. O ciberespaço, como diria Lévy (2007, p. 104) é como o “universo das redes digitais” de “encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”.

E o que a educação tem a ver com isso? Por meio de diferentes formas de nos comunicar poderemos conhecer e enfrentar as barreiras que impedem a plena e efetiva participação sociocultural de todos/as, seja um/a aluno/a com deficiência ou não, em condições de igualdades e oportunidades.

Conhecer sobre inclusão e comunicação por meio das mídias, é prerrogativa para todo/a e qualquer professor ou professora, independentemente de ser um professor de informática ou de Atendimento Educacional Especializado (AEE), afinal,



todos os/as envolvidos/as com o ato de educar, deveriam pautar-se em práticas educacionais inclusivas, de maneira, que elas visassem as potencialidades de todos os seus alunos e alunas e não em suas limitações para aprender e se relacionar.

Segundo o Relatório Mundial Sobre a Deficiência (OMS, 2012), realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que apresenta um panorama da situação da deficiência no mundo, em seus respectivos contextos:

Em todo o mundo, as pessoas com deficiência apresentam piores perspectivas de saúde, níveis mais baixos de escolaridade, participação econômica menor, e taxas de pobreza mais elevadas em comparação às pessoas sem deficiência. Em parte, isto se deve ao fato das pessoas com deficiência enfrentarem barreiras no acesso a serviços que muitos de nós consideram garantidos há muito, como saúde, educação, emprego, transporte, e informação. Tais dificuldades são exacerbadas nas comunidades mais pobres. (OMS, 2012, p. XI).

Na comunicação digital não é diferente. Apesar do grande avanço das tecnologias assistivas, ainda é preciso percorrer uma distância considerável quando se trata de acessibilidade comunicacional nos diferentes ciberespaços. Os recursos disponíveis na Web estão mais atraentes, auto-explicativos e dinâmicos, porém, muitas representações gráficas não podem ser vistas por usuários cegos, por exemplo. Desta forma, a acessibilidade comunicacional é ainda uma barreira a ser superada.

A comunicação é um processo que envolve relações entre seres humanos. Para Martino (2015), este processo desenvolvido em diferentes espaços e com a existência de sujeitos, requer alteridade (MARTINO, 2015). Para compreender esta questão, compartilhamos os pensamentos de Emmanuel Levinas (1906-1995), filósofo lituano-francês, que procurou em suas obras reconstruir a subjetividade do sujeito moderno,



que deixou de ser livre e autônomo. Além de, nos fazer refletir como viver em uma sociedade mais humana, na qual cada um deve ter responsabilidade ética em relação ao outro.

Em relação à identidade, Levinas sugere que “A sua **alteridade** incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor.” (LEVINAS, 2015, p. 19, grifo do autor). Não existindo, neste sentido, pretensões singulares, nem identidades sem o outro. Quando pensasse em si, em suas necessidades, inevitavelmente pensaria no outro e nas necessidades dele. O exercício da alteridade é possível em todos os espaços, inclusive nos ciberespaços. A comunicação digital, muitas vezes, facilita o intercâmbio entre diferentes, o diálogo e o respeito entre os sujeitos, quando é pensada para o outro.

4. Metodologia

Este estudo parte, inicialmente, de uma dúvida que boa parte das universidades públicas e privadas brasileiras depara-se quando o assunto é a educação de alunos/as com deficiência, que consiste na alocação de recursos e serviços de promoção da acessibilidade educacional. Observa-se na prática, mesmo que a deficiência em questão seja semelhante, as necessidades educacionais de cada aluno/a podem ser bastante diferentes, exigindo estudos técnicos mais específicos, ou seja, um mesmo recurso não atende a necessidade de todos/as. Porém, quando a universidade já possui o alunado em seu contexto, essa tarefa pode parecer mais fácil de resolver, envolvendo os próprios alunos/as, mas, e quando este alunado ainda não está incluído? Como a universidade pode se preparar para recebê-lo? Que tipo de recursos oferecer? As mídias e tecnologias digitais podem ser úteis?

Esses e outros questionamentos nos levam a investigar alunos e alunas com deficiência, possíveis ingressantes do ensino superior, que cursam o ensino médio na cidade de Foz do Iguaçu-PR, esta compõe a tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e



Paraguai e comporta duas universidades públicas que tem como pressuposto, a busca da inclusão de todos/as em seus diferentes contextos.

Portanto, este artigo é formado por fragmentos de um estudo de mestrado interdisciplinar em andamento, nos quais os resultados ainda são preliminares. Consiste em dois recortes: (1) análise de algumas produções acadêmicas sobre mídias e educação atreladas aos EC; e, (2) reflexão acerca das respostas aos questionários digitais enviados aos/as diretores/as das escolas públicas e privadas, de nível médio, de Foz do Iguaçu, sobre inclusão de alunos/as com deficiência. Dentro destes recortes, será possível perceber os próximos passos da pesquisa a ser realizada com os alunos/as por meio de ciberespaços, visando compreender a construção dos referenciais identitários deste grupo.

Utilizou-se como fonte básica de referência para compor o primeiro recorte, o Banco de Banco de dissertações e teses da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES³. Por meio da seleção de busca avançada, dispomos das seguintes condições: “mídias”, como descritoras para “todos os campos” de busca e “Estudos Culturais” e “educação”, como descritoras obrigatórias contidas nos “resumos”. A busca em questão foi realizada no sítio da CAPES em novembro de 2015.

E o segundo recorte diz respeito à coleta primária de dados para a identificação e escolha das escolas, cuja pesquisa encontra-se em andamento. Por meio de um questionário digital, diretores (as) foram indagados sobre a oferta de AEE e sala de recursos multifuncionais, número de estudantes com deficiência por ano (primeiro, segundo e terceiro) e por deficiência; e, interesse da escola em participar da segunda fase.

³ Acesso através do sítio <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>.



Após a conclusão e articulação dos fragmentos descritos neste artigo, daremos continuidade ao estudo na busca por caminhos a serem percorridos, para conhecermos de fato os alunos e as alunas com deficiência numa cidade de fronteira e analisar, sob a luz dos EC, os referenciais identitários. Portanto, a metodologia como um todo ainda está sendo construída, a cada novo resultado. Pois, compartilhamos com Costa (2007), outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação e acreditamos que “não somos forçosamente perdedores se ousamos mudar, partir a linha, descobrir outro modo de pensar os problemas que identificamos como dignos e necessários de investigar (COSTA, 2007, p. 68-69). Sabemos que a atitude é arriscada, mas pela educação, vale o risco.

5. Resultados e discussões

5.1 Produções acadêmicas

Por meio de busca avançada junto ao Banco de dissertações e teses da CAPES, foram encontrados no total, dezenove (19) registros, dos quais dezessete (17) são dissertações e duas (02) são teses. Em relação à área de conhecimento, seis (06) são em Comunicação, quatro (04) em Educação, quatro (04) em Sociais e Humanidades, duas (02) em Letras, uma (01) em História, uma (01) em Sociologia e uma (1) em Teoria Literária.

Em comunicação, os alguns assuntos explorados foram: cultura da mídia, narrativa literária e televisiva; interfaces existentes entre mídia, tradição e identidade; influência das redes sociais na construção de sentido no processo de escolhas de jovens estudantes; e, características midiáticas das histórias em quadrinhos. De interesse em comum, nesta área do conhecimento, dispomos da dissertação do programa de mestrado da Universidade Católica de Brasília, intitulada “Estratégias



transmidiáticas: as operações de interação entre estudantes e instituições de ensino superior mediadas por mídias digitais”.

A pesquisa de Garcia (2012) apresenta uma reflexão crítica sobre o advento das redes sociais e suas implicações nas dinâmicas de mediação, nas trocas simbólicas entre sujeitos e na postura dos jovens. A pesquisadora buscou conhecer os usos das tecnologias de informação e comunicação por parte de estudantes “pré-vestibulandos”⁴, através de postagens e compartilhamentos, com intuito de verificar a relação entre as redes sociais e as escolhas das carreiras.

Portanto, o caminho investigativo se parece com o que pretendemos percorrer, no qual se utiliza os ciberespaços para múltiplas interações e possibilidades de análise e compreensão dos referenciais indenitários de jovens estudantes, no nosso caso, com deficiência como grupo focal.

Em educação, os assuntos explorados foram: as práticas de *bullying* e a produção de sentidos a partir de artefatos midiáticos; infância, mídia e narrativas no contexto da sociedade midiática; mídia e a produção de sucesso no mundo do futebol; e, modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo. Este último é o que mais se assemelha ao nosso estudo, tanto em função da faixa etária analisada, tanto por iniciar a pesquisa a partir das práticas de constituição do sujeito e na observação das identidades juvenis contemporâneas.

A partir dos EC, Santos (2012) analisou em sua dissertação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exemplares do Jornal Mundo Jovem dos anos de 2009 a 2010. O objetivo deste jornal é orientar a condução dos jovens aos parâmetros da crença. A diferença principal desta pesquisa em relação à nossa é que nela a preocupação é com a influência dos discursos midiáticos nos referenciais identitários

⁴ Expressão utilizada por Garcia (2012) para nomear pessoas que se preparam para exame(s) realizado(s) pelas universidades para selecionar ingressantes em cursos de ensino superior.



juvenis considerando a mídia, principalmente, como **produtora** de sentidos, em contrapartida, em nosso estudo, as mídias e as tecnologias serão consideradas **instrumento de mediação** da inclusão/exclusão sociocultural das pessoas com deficiência, por meio da visão dos próprios sujeitos.

Dentro do contexto educativo, as pesquisas sobre mídias têm explorado mais a relação entre mídias e a organização do conhecimento, ou seja, mídias nos processos de ensino e aprendizagem.

Em Sociais e Humanidades, os temas foram diversos, desde jornalismo científico, especializado, representações de texturas, até os processos discursivos imbricados nos vestiários. Em Letras, chamaram a atenção os temas relacionados à recepção de desenhos animados e sua influência na formação do ser social e às representações identitárias da mulher indígena Terena e Kaiowá na mídia online. Em História, os processos e as práticas de recepção de uma telenovela a partir das mediações. Em Sociologia, modos de consumo das crianças na relação com bens culturais, entre eles, brinquedos, jogos, televisão e internet. E por último, em Teoria Literária, o registro encontrado trabalha as questões de gêneros e sexualidades no âmbito dos EC.

“Infelizmente, nesta escolha de busca, não encontramos tantas produções acadêmicas com os temas centrais “educação” e tecnologias” atreladas aos “Estudos Culturais”. Wortmann *et.al.* (2015), nos indica que em função das críticas, a vinculação da Educação com os EC tem sido realizada com cautela. Mas, por outro lado, nos demonstra que as contribuições de tal vínculo podem ser promissoras, já que, respeitadas as trajetórias distintas de cada uma e diferenciadas as temáticas, permitem investigar uma série de práticas, artefatos e produções em operação nas sociedades atuais.



5.2 Questionário digital – menos respostas, mais incertezas

O envio dos questionários digitais aos/as diretores/as das escolas públicas e privadas, de nível médio, de Foz do Iguaçu, cidade que compõe a fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, foi realizado por meio dos endereços de e-mails disponibilizados no sítio do Portal Educacional do Estado do Paraná⁵. Após três tentativas, recebemos a confirmação de leitura apenas das escolas privadas, o que não ocorreu com as escolas públicas. Para confirmar de fato os recebimentos, entramos em contato via ligação telefônica. Portanto, todas as escolas receberam o convite à pesquisa.

Com detalhes sobre a importância do tema “inclusão”, o corpo do e-mail apresentava as fases da pesquisa e como deveria ser preenchido o questionário digital, além do termo de consentimento livre e esclarecido. Não é possível garantir que os responsáveis pela checagem dos e-mails sejam os/as próprios/as diretores/as, porém, esta tarefa é executada por alguém com a competência para filtrar e repassar os e-mails, provavelmente, conforme nível de importância.

Após obtermos três retornos, nos quais havia interesse de participação por parte das escolas, realizamos uma visita *in loco* em cada uma delas. Sendo que, na primeira escola, embora o corpo do e-mail a resposta demonstrasse interesse, o questionário não havia sido preenchido. O responsável pela escola nos afirmou que o tema era importante e reconheceu as contribuições da pesquisa na educação. Entretanto, avaliou que muitos/as colegas representantes de escolas não possuem este mesmo entendimento e desprezam e-mails, apenas respondem aos oficiais. Para ele, a maioria não faz uso das tecnologias nas atividades administrativas ou na gestão escolar, nem mesmo para agilizar o trabalho da secretaria. Esta escola possui AEE, sala de recursos multifuncional e trinta e oito (38) alunos/as com deficiência matriculados/as no ensino médio.

⁵ Acesso através do sítio <http://www.diaadia.pr.gov.br/>



Consideramos, que a função de um gestor, especificamente na escola pública, está baseada em articular as dimensões administrativas e pedagógicas, repensando a gestão das mídias e tecnologias, das informações, do tempo e espaço, na busca por mudanças educacionais. Para Almeida e Almeida (2006, p. 68), gestão é:

[...] entendida pela forma de se comprometer com o todo de um empreendimento: responsabilidade, capacidade de observação e descrição diagnóstica, análise e síntese, tomada de decisão – conjunta e solitária –, comunicação, democracia, memória, identidade e utopia: articulação de pessoas e projetos em torno de algo chamado vida: gerar, gestar... generoso ato de viver.

Toda a gestão escolar possui uma rede de sentidos e significados, qualquer atividade administrativa possui também articulação com as diretrizes e planos da escola. Conforme Moran, Masetto e Behrens (2003, p. 03) “O administrativo está a serviço do pedagógico e ambos têm de estar integrados, de forma que as informações circulem facilmente (...)”. Ainda que sejam poucas as escolas envolvidas nesta fase, sejamos realistas, é preciso ainda identificar as possibilidades mais favoráveis para que as escolas possam aderir à cultura tecnológica.

Na segunda escola, foram apresentados oito (08) alunos/as com deficiência no nível médio. Conversamos com a responsável pelo preenchimento do questionário digital, que nos parabenizou e nos solicitou auxílio na incorporação da mesma ferramenta digital em suas atividades administrativas. A escola possui o AEE e a sala de recursos multifuncionais, a funcionária nos alertou para o fato de estudantes com deficiência preferirem não mais frequentar tais espaços e atendimentos após a conclusão do ensino fundamental.



Com o intuito de analisar as percepções dos alunos/alunas adolescentes que frequentam os atendimentos educacionais especializados e apontar causas da evasão durante a adolescência, Schneider e Passerino (2010) realizaram observações e entrevistas com adolescentes em uma escola de Porto Alegre – RS. Tal estudo, conclui que as más impressões são resultado da falta de diálogo e pela desinformação sobre o tema “inclusão”. Embora, entendam o quão importante é o espaço e o atendimento para o seu desenvolvimento, criticam os olhares de fora, a forma como os/as colegas os/as enxergam.

Por isso, acreditamos que “inclusão” é bem mais que um espaço, uma rampa, tecnologia assistiva ou um profissional especializado. É preciso cautela para não nos adaptarmos facilmente às políticas e ações que se dizem inclusivas, sem no mínimo questionar. Nosso objetivo, nesta investigação, será ouvir as vozes silenciadas, procurando retomar a centralidade das propostas de educação inclusiva. Talvez, o foco delas pudesse ser a “diferença”. Nas palavras de Silva (2014), “diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo”, assim podemos problematizá-la nas escolas, para uma sociedade mais inclusiva.

Por fim, a terceira escola não possui AEE nem sala de recursos multifuncionais e tem oito (08) alunos/as com deficiência no ensino médio, dentre os quais, um (01) cursa o quarto ano do magistério.

Com base nas respostas e nas conversas com os representantes das escolas os demais caminhos investigativos serão traçados. São estes resultados que nos permitirão construir um blog acessível. Uma das possibilidades levantadas nas visitas foi à utilização do dispositivo móvel para acessibilidade do blog pelos alunos/as, mais especificamente o celular, ao invés do computador. Conforme a disponibilidade de todos/as entrevistados/as, estudaremos tal mecanismo. O importante é a participação dos alunos/as por meio das postagens e comentários, pois nos permitirá analisar em qual medida e circunstâncias as mídias e as tecnologias interferem nos referenciais



identitários e as (im) possibilidades de acesso destes/as alunos aos bens culturais e ao conhecimento.

Considerações finais

As discussões sobre inclusão da pessoa com deficiência em todos os espaços e contextos envolvem sempre a relação dialética da exclusão e inclusão, com inúmeras e complexas facetas que alteram ou mantêm as políticas sociais e educacionais.

Procuramos no estudo em curso, pensar as mídias e as tecnologias não como ferramenta técnica, dissociável dos contextos sociais, políticos, culturais e históricos, mas como instrumento de mediação das relações socioculturais das pessoas com a sociedade. Por intermédio da visão dos próprios sujeitos, trilhamos caminhos para compreender as (im) possibilidades deste instrumento nos estudos, no trabalho, na interação com a família e amigos de pessoas com deficiência numa faixa etária considerada conturbada no desenvolvimento humano, marcada pela instabilidade emocional.

Com os dados levantados podemos construir o blog acessível, com as ferramentas assistivas necessárias para que todos/as possam estar conectados e produzir no ciberespaço. Acreditamos que tal espaço seja representado por muitas culturas, com suas potencialidades e fragilidades, e que por meio dos interesses, das curiosidades, das necessidades, das informações, estes alunos/as se sintam livres para dialogar, interagir, se divertir e se descobrirem enquanto sujeitos autônomos e independentes em suas práticas socioculturais.

Defendemos a necessidade de uma cultura da acessibilidade e da gestão do conhecimento e da informação também por meio dos ciberespaços. Discutimos sobre a acessibilidade e sua relação com a sociedade, ao mesmo tempo em que tentamos



problematizar as dificuldades e barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência nela.

Munidas destas discussões, estamos construindo e identificando nosso caminho investigativo e visualizando nos ciberespaços múltiplas interações e possibilidades de análise e compreensão dos referenciais identitários dos jovens estudantes de uma cidade de fronteira. Conhecendo um pouco a realidade dos potenciais candidatos/as ao ingressarem na universidade, poderemos providenciar recursos e serviços que de fato serão suportes de acesso ao conhecimento, a informação e ao aprendizado.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. B. (Coord.). **Liderança, gestão e tecnologias: para a melhoria da educação no Brasil**. São Paulo: [s.n.], 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Série Mais Educação. Programa Mais Educação: Passo a passo. Brasília: SEB/MEC, 2011. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8145-e-passo-a-passo-mais-educacao-pdf&Itemid=30192. Acesso em 09 nov 2015.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 29.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, J. L. Estratégias transmidiáticas: as operações de interação entre estudantes e instituições de ensino superior mediadas por mídias digitais. 126f. 2012. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://www.btdt.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1837>. Acesso em 23 nov 2015.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OMS. **Relatório mundial sobre a deficiência** / World Health Organization, The World Bank. São Paulo: SEDPcD, 2012.



ONU. Declaração do Milênio. 2000. Disponível em:

http://www.pnud.org.br/Docs/declaracao_do_milenio.pdf. Acesso em 17 nov 2015.

PRETTO, N.de.L.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, L.de.L.; SILVEIRA, S.A.da. (Orgs.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

LÉVY, P. A arte e a arquitetura do ciberespaço. Estética da inteligência coletiva. In: **A Inteligência Coletiva**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MARTINO, L.M.S. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7.ed. São Paulo: Papirus, 2003.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo e estudos culturais: tensões e desafios em torno das identidades. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Cultura, poder e educação**: um debate sobre Estudos Culturais em educação. 2. ed. Canoas: Editora ULBRA, 2011.

SANTOS, L.V. dos. Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem: modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo. 107f. 2012. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55339?show=full>>. Acesso em 24 nov 2015.

SCHNEIDER, Fernanda Chagas; PASSERINO, Liliana Maria. Ser freqüentador de uma Sala de Integração e Recursos. In: Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação do Uniritter, 6., 2010, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: UNIRITTER, 2010. Disponível em: <www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepes/.../27979/.../comide.pdf>. 28 nov 2015.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SORJ, B., GUEDES, L. **Internet na f@vela**: quantos, quem, onde, para quê [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. 159 p. ISBN 978-85-99662-46-5. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 09 nov 2015.

WORTMANN, M.L.C.; COSTA, M.V.; SILVEIRA, R.M.H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Revista Eletrônica Educação**. v. 38, n. 1, p. 32-48, jan.-abr. 2015. Porto Alegre: PUCRS. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/>>. Acesso em 18 nov 2015.